

MEMÓRIAS DE JOVENS:
reflexões sobre o Projeto Agente
Jovem de Desenvolvimento
Humano e Social

YOUNG MEMORIES:
Reflection on the Youth Agent
Project of Human and Social
Development

*Robério Augusto Leal Sacramento (Dr.)**
*Helen Flávia de Lima (Ma.)***



Imperatriz (MA), v. 1, n. 1, p. 88-99, jul./dez. 2019

Recebido em: 10 de setembro de 2019
Aprovado em: 04 de outubro de 2019

RESUMO

Buscamos por meio deste artigo relatar a experiência do Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Humano e Social, realizado no bairro Presidente Kennedy, na cidade de Fortaleza/CE, no ano de 2007. A partir das formulações clássicas sobre o estudo da memória, avaliamos as possibilidades, dificuldades e metodologias de trabalho aplicadas nesse projeto envolvendo a memória social, histórias de vida e projetos de futuro daqueles jovens envolvidos. Nossas considerações indicam a importância da utilização da memória e de noções envolvendo a temporalidade, em atividades de formação, por se tratar de elementos constituintes da subjetividade e de representações sobre a realidade, além de reforçar o sentimento de autonomia e o conhecimento que envolve os laços comunitários dos jovens. Marcada por imagens que insistem em tematizar a juventude como categoria provocadora de rupturas no tecido social, a memória mostrou-se um recurso metodológico de grande valia para uma ação educativa que visa à elaboração crítica de projetos de vida e consciência histórica.

Palavras-chave: Memória. Educação. Juventude. Temporalidade.

ABSTRACT

Through this article, we seek to report the Young Agent Project of Human and Social Development experience, held in the Presidente Kennedy Neighborhood, in the city of Fortaleza/CE, in 2007. From the classic formulations about the study of memory, we evaluated the possibilities, difficulties, and work methodologies applied in this

* Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará. E-mail: roberiosacramento@gmail.com.

** Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade, da Universidade Estadual de São Paulo. E-mail: helenflima77@gmail.com.

project involving the social consciousness, life stories, and plans of young people involved. Our considerations point to the importance of using memory and notions involving temporality in training activities. Training are constituent elements of subjectivity and representations of reality, besides reinforcing the sense of autonomy and the knowledge that includes the ties. Young people marked by images that insist on thematizing youth as a category that provokes ruptures in the social fabric. Memory proved to be a valuable methodological resource for an educational action aimed at the critical elaboration of life projects and historical consciousness.

Keywords: Memory. Education. Youth. Temporality.

Introdução

Neste artigo, objetivamos relatar a experiência do Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Humano e Social, realizado no bairro Presidente Kennedy, na cidade de Fortaleza/CE, no qual atuamos como facilitadores durante o segundo semestre de 2006 e durante o primeiro semestre de atividades do ano de 2007.

O Projeto Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano surgiu em 2000, promovendo ações socioeducativas e atividades continuadas. O programa visava a proporcionar aos adolescentes experiências práticas, o desenvolvimento do protagonismo juvenil, fortalecer vínculos familiares e comunitários e possibilitar a compreensão do mundo contemporâneo com ênfase na educação e no trabalho¹.

Para alcançar o objetivo deste artigo, nos amparamos na análise da memória social como recurso metodológico em processos formativos, seja de cunho formal ou informal, já que a memória e as noções de temporalidade podem auxiliar na formação da consciência histórica e na compreensão dos processos de elaboração das representações sobre o mundo em que vivemos.

Destacamos, também, a importância deste estudo sobre a compreensão dos traços da diversidade que caracteriza a juventude e os múltiplos sentidos dessa condição sociocultural juvenil, que tem sido incompreendida ou percebida através de olhares permeados pela desconfiança.

Os sentidos da memória e dos relatos autobiográficos

As histórias de vida e os relatos biográficos têm emergido com um paradigma bastante em voga nas análises das ciências humanas. Para Marie-Christine Josso,

¹ Desde janeiro de 2008 o Agente Jovem foi incorporado a outro programa nacional de atendimento à juventude, o ProJovem. Uma série de programas destinados ao segmento juvenil da população foi integrada ao ProJovem na tentativa de se elaborar uma estratégia de articulação intersetorial das políticas públicas para a juventude (Agente Jovem, Saberes da Terra, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica). O antigo Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano agora é denominado ProJovem Adolescente.

O fascínio com relação à perspectiva biográfica parece inseparável da reabilitação progressiva do sujeito e do ator, e essa reabilitação pode ser interpretada como um retorno estabilizador após a hegemonia do modelo de causalidade das concepções funcionalistas, marxistas e estruturalistas do indivíduo até o fim dos anos setenta (JOSSO, 1999, p.13).

Desde a década de 1980, verificamos a eclosão de metodologias que buscam compreender as histórias de vida em projetos voltados para a formação de indivíduos, em práticas educativas formais e não-formais. A pesquisa-formação é uma delas, dentre outras formas de se compreender os relatos de natureza biográfica. Caracterizando-se por analisar as trajetórias individuais dentro de processos educativos ao longo da vida dos sujeitos, a pesquisa-formação tem em Marie-Christine Josso o mais popular expoente divulgado em língua portuguesa. A vertente teórica afigura-se como uma metodologia que aborda a formação existencial centrada no sujeito aprendente², articulada com sua história de vida. A partir das experiências e situações de vida do sujeito, a autora busca entender o que é a formação.

Buscamos nas análises de Josso (1999; 2004) e da pesquisa-formação informações para refletir sobre a experiência do Agente Jovem enquanto prática educativa. A pesquisa-formação é uma metodologia que está centrada nas narrativas de formação de sujeitos adultos, dentro de processos educativos.

Dentro de uma perspectiva de abordagens biográficas, Josso (2004) identifica dois tipos de utilização das histórias de vida: uma vertente que as toma como objeto de conhecimento e outra onde elas estão a serviço da lógica de projetos. No primeiro caso, as histórias de vida são o objeto de uma metodologia que busca compreender as experiências formadoras e os novos conhecimentos e mudanças de comportamento nos indivíduos. No outro, as histórias de vida fazem parte de projetos variados e são utilizadas como recurso para desenvolvimento de suas atividades e alcance de seus objetivos.

[...] as histórias de vida postas ao serviço de um projeto são necessariamente adaptadas à perspectiva definida pelo projeto no qual se inserem, enquanto que as histórias de vida, no verdadeiro sentido do termo, abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as suas dimensões passadas, presentes e futuras e na sua dinâmica própria (JOSSO, 2004, p. 31).

Os quadros sociais da memória são explicitados por Halbwachs (1990), buscando entender as alterações na percepção, na consciência e na memória

² Josso opõe o termo aprendente ao já conhecido termo aprendiz. O segundo pode remeter ao uso medieval, relativo às corporações de ofício. Já aprendente busca enfatizar o ponto de vista de quem aprende e como se efetua tal processo.

Os quadros sociais da memória são explicitados por Halbwachs (1990), buscando entender as alterações na percepção, na consciência e na memória individuais. Para o autor, há uma impossibilidade de se rever o passado tal como ele ocorreu. O ato de evocar é sempre uma construção do indivíduo, e esse processo tem como pano de fundo as memórias coletivas dos grupos aos quais os indivíduos pertencem.

Por meio da reflexão de Halbwachs (1990) buscamos refletir sobre a contribuição da memória coletiva como fator de formação da mentalidade juvenil, quanto à reprodução das representações hegemônicas, influenciando em seus modos de ver o mundo e articular suas respostas aos desafios vividos.

O estudo das trajetórias de formação tem sido enfatizado por fornecer meios para a compreensão das mudanças ocorridas nos indivíduos, explicitando experiências cruciais na definição de como eles chegaram a ser quem são nos dias atuais (JOSSO, 2004). A formação inclui vivências diversas que se aliam aos conhecimentos formais. Narrar tais processos se faz essencial para melhor lidarmos com os problemas que afligem a escola na contemporaneidade, atentando para as múltiplas possibilidades que se apresentam para a formação humana.

Se a abordagem biográfica é um outro meio para observar um aspecto central das situações educativas, é porque ela permite uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural (JOSSO, 1999).

A construção das narrativas de formação nos faz ter acesso às experiências significativas que marcarão os indivíduos, além de nos permitir tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconsistência de nossos desejos. Tais experiências não se esgotam. A reflexão sobre nossas vivências é que faz delas experiências.

Evocando as memórias

Vivenciamos a experiência do Agente Jovem como facilitadores do projeto durante o ano de 2006 e o primeiro semestre de 2007. O bairro onde atuamos foi o Presidente Kennedy, situado na cidade de Fortaleza/CE. Os encontros do grupo eram realizados no Centro do Idoso, o qual, apesar de ser um espaço voltado para a terceira idade, possuía horários vagos para outros grupos desenvolverem atividades diversas.

Entrevistamos cinco participantes do projeto: José, Morgana, Gorete, Simone e Carla. O principal critério de escolha foi ter participado de todas as atividades do Agente Jovem, desde o início até o fim do projeto. Os outros critérios que nortearam a

escolha foram: sexo ou orientação sexual, credo religioso, condição civil dos pais, pertença a grupos culturais ou esportivos. Tais critérios nos pareceram fornecer uma variedade de práticas e visões de mundo, caracterizando diferentes modos de constituição de ser jovem.

O ápice dessa trajetória se confirmaria com a elaboração de um projeto de vida por parte dos jovens ao fim das atividades do Agente Jovem. Esse exercício nos pareceu instigante por reunir todos os conhecimentos adquiridos nas capacitações teóricas desenvolvidas ao longo do ano de 2007 e por poder suscitar mudanças nas ideias e comportamentos desses jovens.

A elaboração dos projetos de vida envolveu a reflexão sobre o tempo, as vivências antes, durante e ao fim do Agente Jovem. Toda essa articulação enseja uma atividade mnemônica e, ao mesmo tempo, uma projeção, uma reconfiguração de si, que levaria os jovens a narrarem suas vidas e vislumbrarem o futuro. O ato de refazer o passado se afiguraria então como um movimento em busca do sentido de ser.

A partir das capacitações e convivência mensal fomos levados a compartilhar com os jovens suas impressões acerca dos processos educativos de que eles participaram e entramos em contato com suas lembranças e sonhos. Ouvimos suas histórias e sentimos o transcorrer do tempo. Os relatos nos instigaram a refletir sobre qual o papel da escola em suas vidas, os vínculos mantidos com o bairro onde moram e com as pessoas da comunidade. A análise dos registros biográficos nos forneceu a possibilidade de compreender como eles percebem esse momento de suas vidas e o que imaginam para o futuro.

Desde o princípio das atividades do Agente Jovem, nos interessou analisar a reação dos participantes de um projeto que se buscou propiciar uma experiência que colaborasse com seu desenvolvimento social e humano, tomando esses jovens como principais atores de um processo inédito para eles. A presença da memória e de recursos de natureza biográfica, como projetos de vida, memoriais e histórias de vida foi um elemento marcante da pedagogia do Agente Jovem. As narrativas de caráter biográfico utilizadas pautaram-se na utilização da memória como um dos conceitos norteadores das atividades, buscando construir um conhecimento da realidade individual e coletiva dos adolescentes e colaborar para a constituição de identidades individuais e comunitárias.

Em momentos diferentes, durante cada mês, eram realizados dois tipos de atividade. No primeiro, eles participavam de discussões temáticas envolvendo assuntos relacionados à juventude e à contemporaneidade: planejamento familiar e doenças sexualmente transmissíveis, juventude e cultura, redução da maioridade penal, drogas, meio ambiente, orçamento participativo, direitos trabalhistas e saúde.

No segundo, participavam de intervenções comunitárias, onde planejavam e executavam ações envolvendo os temas estudados, multiplicando assim os conhecimentos construídos em grupo junto às suas comunidades.

Foram apresentadas aos agentes jovens as primeiras noções de autoconhecimento, desenvolvimento pessoal e conhecimento da realidade comunitária. Paralelamente, um recurso pedagógico começa a ser implementado com os jovens: a formação de equipes com a participação dos adolescentes, visando a facilitar a participação e o envolvimento dos jovens no processo de construção coletiva do conhecimento. Marcadas pela rotatividade, as equipes englobam animação, organização, avaliação e memória. Nesta última são realizados registros do que ocorreu em cada encontro diário.

Os momentos iniciais que envolvem atividades de cunho biográfico e memória são mal recebidos pelos jovens. Uma das primeiras atividades escolhidas para se lidar com a memória é a criação de um grupo semanal para registrar os encontros diários e relatá-los para todo o grupo no dia posterior, buscando fazer do ato de relembrar um mecanismo inevitável da convivência social.

Os agentes jovens não reagem com simpatia diante do desafio. Provavelmente, por terem de ser incumbidos de uma tarefa e de falar em público. Estamos vivendo os primeiros contatos do grupo, e seus participantes ainda estão se descobrindo e não estão acostumados com essa prática. Em seguida, serão levados a novos exercícios de rememoração.

Os jovens são estimulados a escrever e representar suas vidas através de relatos autobiográficos e registros iconográficos, como desenhos, pinturas e colagens. Buscando construir o Mire⁶, eles colhem relatos e histórias de vida de moradores do bairro. Em seguida, tomam conhecimento de um recurso novo para eles até então: o projeto de vida. Uma das primeiras dinâmicas utilizadas consiste em escrever uma carta para alguém (um amigo ou um parente, por exemplo).

Na carta, o jovem projetaria sua vida, sugerindo uma situação que ele gostaria de viver: sua profissão, onde estaria morando, seu estado civil, e relataria suas dificuldades e o processo que engendrou para a construção de sua vida. O projeto de vida surge como uma ferramenta pedagógica desafiadora, pois lança o indivíduo no turbilhão que envolve as noções de presente, passado e futuro.

A presença do projeto de vida abre espaço para uma reflexão por parte dos participantes do Agente Jovem, o que envolve a análise do mundo circundante e das

³ O Mire, mapa de imagens e representações comunitárias, é um recurso pedagógico criado por educadores da FUNCI (Fundação da Criança e da Família Cidadã) visando mapear a realidade comunitária dos bairros de Fortaleza. Por meio do conhecimento das histórias de vida dos moradores das comunidades, os jovens poderiam construir um mapa onde se revelam potencialidades locais e se desenha a identidade do bairro.

circunstâncias socioculturais e econômicas nas quais os jovens estão incluídos. Isso supostamente os levaria a compreenderem que suas trajetórias estão abertas, porém imersas em circunstâncias concretas.

Tal percepção afastaria uma visão ingênua e incapaz de perceber os caminhos a serem percorridos individual e coletivamente. O jovem incluído em tal processo deve realizar atividades que contribuem para o desenvolvimento da sua comunidade e seu próprio desenvolvimento. As deficiências citadas anteriormente nos fazem perceber uma falha nas práticas e capacitações para a efetivação de tal desenvolvimento.

Uma de nossas decepções quanto à execução do Agente Jovem se deu quando da nossa saída das atividades em virtude de nossa pesquisa. Inicialmente, nossa participação em um projeto de natureza social era um desafio, pois não possuíamos uma formação específica para as atividades de facilitação. Valíamo-nos de nossa prática de magistério na educação formal, buscando informação e embasamento teórico-prático com outras pessoas que viviam essa atividade por mais tempo. Depois de realizadas as entrevistas e recolhido o material que nos serviria de fonte para a pesquisa, acompanhamos os agentes jovens ansiosamente pelo fechamento das atividades.

Um novo facilitador nos substituiu e buscamos manter contato com o grupo a certa distância para não atrapalhar o andamento das intervenções e atividades cotidianas. Evitamos presenciar alguns momentos cruciais do projeto por sabermos que nossa presença, mesmo sendo apenas observadores, poderia gerar algum mal-estar para o novo facilitador ou alguma comparação por parte dos jovens.

Nosso desencanto foi enorme ao ver as atividades caírem num espontaneísmo completamente distante das propostas reais dos módulos então vivenciados, das metas de muitas intervenções comunitárias e, ao constatarmos um despreparo muito maior por parte dos que continuaram com o grupo do bairro Presidente Kennedy (CE). O pior de tudo foi saber que os jovens não haviam feito seus projetos de vida ao fim das atividades do Agente Jovem. O exercício inicial que vivenciamos preparou-os para refletirem sobre histórias de suas vidas e dos moradores da comunidade, fazendo com que eles preparassem um exercício de imaginação quanto ao seu futuro. Porém, não houve o fechamento desse processo.

A presença da temporalidade, do uso da memória e dos registros biográficos nos pareceu um recurso pedagógico inovador e responsável por ampliar as percepções dos jovens sobre suas vidas e os contextos históricos nos quais eles estão inseridos. O projeto de vida, embora não tenha sido concretizado pelo grupo do bairro Presidente Kennedy, mostrou ser um exercício criativo de exploração do devir.

Ao findarmos as entrevistas, sentíamos certo desencanto diante das respostas dos agentes jovens quanto à importância de terem participado do projeto. A impressão de que os agentes jovens estavam sendo superficiais nos conduziu a um questionamento da efetividade dessa prática pedagógica. Diante daqueles relatos, passamos a acreditar que a experiência não estava completa, pois os jovens pareciam distantes e alheios às finalidades do projeto: colaborar com a preparação para a cidadania e para a participação social. Chegamos a cair na tentação de não reconhecê-los como protagonistas.

Quando eles evocavam seu passado, havia um estranhamento inicial frente às recordações e fatos que eles rebuscavam para atribuir sentido às suas trajetórias. Mas tão logo refaziam o caminho das lembranças havia uma alteração na forma de conversar e tudo passava a ser um desafio. Diante do presente e do futuro, eles se escusavam de refletir mais profundamente.

Nossa leitura dos relatos mudou ao percebermos o poder da articulação presente em suas falas, mesmo que talhadas de forma tortuosa devido aos seus vocabulários peculiares. As memórias desses jovens são marcadas pelas experiências muitas vezes dolorosas dos lares desfeitos, dos desencontros familiares, da precariedade da existência cotidiana, marcada pelas necessidades financeiras. São memórias que desvelam uma diversidade de perspectivas que nos servem para situar cada indivíduo dentro de um caminho singular, mas que também nos fazem perceber o quanto elas devem às situações concretas, fundadoras de representações, de valores, de práticas que são essenciais na formação dessas personalidades.

O lugar da memória

O estudo da memória busca compreender as singularidades dos indivíduos, seus feitos e impressões (DELGADO, 2006). A convivência com os jovens nos coloca diante de sensações contraditórias, pois nos posiciona de frente a um espelho, onde o que se vê refletido é um pouco do que fomos, do que às vezes queremos esquecer, do que não temos mais paciência para vivenciar. Mas surge também o nosso ressentimento diante do tempo que vai, de uma inocência que se perde, de uma disposição que insiste em se acomodar, da perda de uma vontade de sonhar que se mistura com o próprio existir.

A discussão envolvendo a temporalidade proposta pelo Agente Jovem nos coloca em contato com aspectos pouco explorados pela educação contemporânea. A reflexão sobre o presente possibilita ao jovem a construção de uma interpretação da realidade entrelaçada aos fatores imediatos que colaboram na elaboração de seu ser.

A memória situa a importância do passado na constituição de suas experiências sociais e de sua formação primeira. O projeto de vida abre os horizontes de atuação, sugerindo caminhos que devem dialogar com o mundo circundante.

O Agente Jovem visou a propiciar situações e atividades que permitissem aos jovens o reconhecimento de sua condição de desenvolvimento como ser histórico, social e cultural, estimulando a socialização e as trocas culturais diversas, compreendendo as características particulares dos indivíduos e dos grupos envolvidos nesse processo.

A presença da memória e de recursos de natureza biográfica, como projetos de vida, memoriais e histórias de vida, foram elementos marcantes da pedagogia do Agente Jovem. As narrativas de caráter biográfico utilizadas pautaram-se na utilização da memória como um dos conceitos norteadores das atividades, buscando construir um conhecimento da realidade individual e coletiva dos adolescentes e colaborar para a constituição de identidades individuais e comunitárias.

Pensar em memórias de um jovem parece paradoxal, pois ele está absorvido nas lutas e contradições do presente (BOSI, 1987). Ao se falar de histórias de vida, pode-se atribuir um papel secundário na produção de memórias por parte daqueles que estão no calor da afirmação de si e podem ser socialmente representados como arautos do futuro, ou como portadores da essencial instabilidade de ser e estar no mundo. Todavia, o exercício de cunho autobiográfico proporciona a possibilidade de elucidar a existência, atribuindo ao narrador o poder de se construir, de se refazer, de encontrar múltiplos sentidos para si. Estender esse processo aos jovens é algo incomum. Afirmar-se já se afigura como um processo conflituoso para essa categoria social, quanto mais falar de si através de memórias, fragmentos de um passado que parece cheio de estranhamento e descaminhos.

O jovem experimenta as vicissitudes do presente. Encontra-se imerso na descoberta. Ser essencialmente em trânsito, enquanto se projeta, não pensa tanto no passado. Qual seria a representação que o jovem possui de si mesmo? Que tensões marcam a constituição de sua autoimagem? De que formas o presente, o passado e o futuro são percebidos enquanto categorias constitutivas de uma identidade em movimento, representada como processo, abertura, transitoriedade?

O ato de narrar possui enorme importância para a configuração das representações. A linguagem ocupa papel fundamental nesse processo e se apresenta como instrumento socializador da memória, estando presentes as dimensões individuais e coletivas que envolvem a multiplicidade de seus registros.

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa

dinâmica, pelo processo de recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou, segundo o olhar de cada depoente (DELGADO, 2006).

O relato autobiográfico é marcado pelo ato de refazer o passado. Ao relembrar, o indivíduo reconstrói as suas memórias, selecionando aquilo que ele julga mais adequado para construir a imagem que deseja formar para si e para os outros. A busca pelo passado, enquanto ausência a ser revolvida, prenuncia uma abertura ante o futuro e seu vazio. A expectativa faz surgir um encontro que orienta o indivíduo para o seu projeto pessoal. Ao narrar-se ele atribui sentido a sua vida e se projeta enquanto ser em constante movimento. Sua autoimagem media e captura a ação do tempo que foge ao seu alcance, numa forma de lidar com o estranhamento diante de si e do próprio tempo. O presente se apresenta como o condutor da reconstrução. A partir daí ele volta às suas memórias e refaz um percurso que conduz a um reencontro consigo próprio. O sentido que se obscurecia passa a ser substituído por uma virtualização de si mesmo.

A utilização dos relatos de vida dos agentes jovens nos serve para compreender as subjetividades e a formação de cada um dos entrevistados. Não intentamos avaliar o projeto e sua efetividade, nem legitimar todas as práticas e conceitos presentes. Ao longo do ano nos deparamos com inúmeras dificuldades para a nossa atuação enquanto facilitador. O Agente Jovem sofreu com a escassez e baixa qualidade do material didático, o despreparo de seus profissionais na realização das atividades do projeto, o pouco interesse de muitos dos jovens participantes, a falta de estrutura dos locais onde as atividades eram realizadas.

Desde o princípio, o que conduziu nossa busca foi entender o que acontecia com os jovens, as mudanças significativas em suas representações e atitudes, as reações diante de situações diferentes das comumente vivenciadas em outros espaços de formação e a possibilidade de descobrir outras formas de compartilhar com eles as histórias reveladoras de suas vidas.

Nossa atenção às narrativas dos agentes jovens não se deu em busca de uma linearidade temporal ou de uma noção preconcebida do que seria a juventude. Na contramão das perspectivas recorrentes, o que buscamos foram os deslizos e interstícios dos percursos biográficos. A percepção de uma juventude homogeneizada afasta a real dimensão de poder articulador dos jovens quanto a suas representações e inviabiliza uma interpretação das experiências formadoras de suas identidades.

A utilização da memória como recurso pedagógico nos põe a refletir sobre a preparação do futuro em consonância com o passado. A trajetória individual passa a

ser vista como fonte de elucidação de dilemas presentes, já que o indivíduo é visto em sua inteireza, e não de uma forma categoricamente separada dos tempos da vida e da cultura. A temporalidade se afigura como um elemento presente na educação, mas a ênfase se volta para o “vir a ser” característico de uma representação recorrente acerca dos jovens. Porém, toda a reflexão que envolve a juventude deve levar em consideração o presente como momento essencial na constituição dos indivíduos, e não encarada em sua negatividade.

Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende a negar o presente vivido dos jovens como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, as quais são bem mais amplas do que apenas o futuro. Quando imbuídos por esta concepção, os projetos educativos perdem a oportunidade de dialogarem com as demandas e necessidades reais do jovem, distanciando-se dos seus interesses do presente, diminuindo as possibilidades de um envolvimento efetivo nas suas propostas educativas (DAYRELL e GOMES, 2005, p. 1-2).

A multiplicidade das dimensões da vida juvenil contemporânea abre espaço para uma compreensão dessa etapa da vida a partir da fruição da juventude em si e de sua projeção para o futuro. Não só a preparação para a vida adulta, mas também as peculiaridades da vida juvenil devem ser enfatizadas. A perspectiva de desenvolvimento integral do jovem considera as dimensões do plano da história de vida pessoal e sua realização no decorrer da vida.

Os relatos dos agentes jovens feitos ao longo de nossas atividades nos servem aqui para entendermos como eles se projetam em direção ao seu futuro e como compreendem seus projetos em consonância com a realidade de suas vidas. Alguns exercícios, como a carta endereçada a um alguém hipotético no futuro, além das entrevistas, nos auxiliam na compreensão das representações desses jovens.

O que se destaca como finalidade na efetivação de tal recurso é a descristalização de modelos por parte do jovem, unindo assim seu projeto de vida a um projeto de mundo. Os projetos de vida devem funcionar como instrumentos de desenvolvimento pessoal e social. Torna-se importante dialogar com os jovens, intentando ajudá-los a fazer suas escolhas e agirem para concretizá-las.

Referências

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. GOMES, Dilma Lino. A juventude no Brasil. Mimeo: 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral - memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. História de Vida e projeto: A história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos in: Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.25, n.2 jul./dez. 1999.

_____. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.